

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes

ARIANA MILIORINI

ANÔNIMOS: corpos invisíveis sobre o espaço

Belo Horizonte
2013

UFMG

ARIANA MILIORINI

ANÔNIMOS: corpos invisíveis sobre o espaço

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de
Bacharel em Design de Moda

Orientador: Augustin de Tugny

Belo Horizonte
2013

RESUMO

Anônimos: Corpos Invisíveis sobre o espaço trata-se de um projeto que propõe o desenvolvimento de uma Instalação e de Intervenções Urbanas com peças do vestuário, concebidas a partir da captura imagética de corpos no espaço, fotografias de pessoas que assumem uma determinada presença, sensível no espaço que ocupam no instante em que são capturadas. As imagens são carregadas pela presença da luz que incide no seu modo físico, substancial, imaterial e virtual, as quais foram exploradas nesses aspectos e analisadas no contexto contemporâneo. O projeto foi desenvolvido de maneira experimental e investigativa em materiais criados e reunidos em seu processo. O vestuário e a identidade dos corpos assumem um papel primordial de maneira que são utilizados como suporte juntamente com as fotografias impressas em tecido transparente para a construção da instalação. O projeto foi montado e apresentado no terceiro andar do Mercado Novo, no centro de Belo Horizonte. Entre as principais questões aprofundadas, estão a identidade dos corpos, a presença em espaço físico e virtual, a ausência, o anonimato e os mecanismos de poder e controle nos sistemas de vigilância e captura de imagem em espaço público.

Palavras-chave: Identidade. Vestuário. Intervenção Urbana. Vigilância. Corpo.

RÉSUMÉ

Anonimes: corps invisibles sur l'espace c'est un projet qui propose le développement d'une installation et d'interventions urbaines avec des morceaux des vêtements conçus par la capture d'images des corps, des photos de personnes qui prennent une certaine présence sensible sur l'espace qu'ils occupent au moment où ils sont capturés. Les images sont chargées par la présence de la lumière tombant sur le chemin physique, sensible, substantielle, immatérielle et virtuelle, qui ces aspects ont été étudiés et analysés dans le contexte contemporain. Ce projet est expérimental et de la manière d'investigation dans matériaux sont créés et assemblés dans le processus. Vêtements et l'identité des corps ont des rôles importants dans les moyens qui sont utilisés comme support avec des photos imprimées sur tissu transparent pour la construction de l'installation. Le projet a été monté et présenté au troisième étage du Mercado Novo au centre-ville de Belo Horizonte. Parmi les principales questions détaillées sont l'identité des corps, la présence dans l'espace physique et virtuel, l'absence, l'anonymat et les mécanismes de pouvoir et contrôle dans la surveillance et la capture d'image dans les systèmes publics.

Mots-clés: Identité. Vêtements. Intervention Urbaine. Surveillance. Corps.

Introdução

O corpo ocupa e dialoga com espaços. Seu contato poderá atuar em muitas esferas, entre elas a do físico, virtual, público, privado, material, imaterial, presença e ausência. No momento em que o corpo ocupa um determinado espaço, o vestuário está visivelmente ressaltado sobre a massa corpórea, pois carrega consigo fortes referências identitárias. Este projeto visa aprofundar a apropriação do espaço pelo vestuário de maneira experimental, utilizando a instalação como suporte para comunicar e colocar questões em seu entorno.

A instalação foi concebida a partir da captura imagética de corpos no espaço, fotografias de pessoas que assumem uma determinada presença, sensível no espaço que ocupam no instante em que são capturadas. As imagens são carregadas pela presença da luz que incide no seu modo físico, substancial, imaterial e virtual, as quais foram exploradas nesses aspectos e analisadas no contexto contemporâneo. Entre as principais questões aprofundadas, estão a identidade dos corpos, a presença em espaço físico e virtual, a ausência, o anonimato e os mecanismos de poder e controle nos sistemas de vigilância e captura de imagem em espaço público.

Os planos virtuais e físicos se comunicam, são transversais, são também controversos, a perda da identidade é transposta ao espaço por um dos seus meios expressivos mais fortes, a roupa, a qual se apropria de maneira poética do espaço.

Anônimos: Corpos invisíveis sobre o espaço

O contato com as imagens via satélite disponíveis em interfaces virtuais serviu como ferramenta de análise do posicionamento dos corpos capturados sobre o espaço, que fazem parte do processo de conceptualização da instalação. Essas imagens são geradas automaticamente pela interface de captura digital e tem como objetivo, na maioria das vezes, oferecer uma vista panorâmica, ter o controle e a vigilância de algum local. No caso dos mapas em *street view*, eles fazem um mapa fotográfico não autorizado do mundo. Nesse mecanismo, as pessoas capturadas pelas interfaces são submetidas à uma condição de anonimato, pois existe uma perda de identidade no momento em que as imagens são disponibilizadas em rede. Isso foi, então, o fio condutor para as fotografias de corpos no espaço em lugares públicos. Deve-se considerar que as imagens via satélite não têm como objetivo principal escolher o corpo a ser capturado, mas percorrer o local, assim sendo, a câmera é objetiva enquanto que as fotografias do projeto foram realizadas com o intuito de capturar determinados corpos ressaltando principalmente a forma como ocupam certos lugares, posicionando-os de alguma forma sensível e narrativa.

As fotografias se aproximam da forma de registro documental, no entanto não existe uma aproximação de fato com quem está sendo retratado, o que importa é a presença dessa pessoa no lugar, que funciona como se fosse uma presença física e virtual do corpo, mas que é anônima, pois a maioria é capturada de costas para a câmera e seus rostos são digitalmente embaçados conduzindo à uma ausência de identidade. Essas imagens problematizam a privacidade em locais públicos e a dualidade existente nas normas que conduzem os direitos autorais, considerando que a esta altura qualquer interface que disponha desses mecanismos de captura são capazes de produzir um número quase infinito de imagens e disponibiliza-las em tempo real.

A instalação confronta a utilização do espaço físico e virtual, ambos na esfera pública. O primeiro está definido pela sua materialidade, sua condição real em que o corpo também é matéria, volume e a sua forma possui um sentido essencial, visível por meio da roupa. Enquanto que no segundo a imagem é imaterial, ela está condicionada à tela, à projeção, à luz e etc. Nesse plano ela é explorada tendo em vista o que sobressalta, como a sua textura, a luz e suas cores. No tratamento das fotografias a serem expostas é feito o *reescreen* da imagem da tela, o que faz com que ela fique com a luminosidade, textura e cores da tela do computador.



0050, Ariana Miliorini, 2013.

O espaço utilizado para a instalação está localizado no terceiro piso do Mercado Novo, localizado na Av. Olegário Maciel, nº 742, no centro de Belo Horizonte. Nesse piso serão apropriadas algumas das antigas lojas que funcionavam no Mercado e que agora não estão em funcionamento, são espaços abertos que estão vazios e qualquer pessoa pode entrar e transitar pelo lugar. É um espaço localizado dentro de uma rede de consumo, mas que não exerce a sua função dentro do sistema comercial do prédio, pois está vazio, a maior parte das lojas estão desocupadas, grande parte estão com suas paredes destruídas e cobertas de entulhos.

A escolha desse espaço para a instalação foi motivada por diversos fatores correspondentes tanto ao estrutura física e espacial do Mercado Novo e as manifestações que envolvem a apropriação do espaço, de caráter político e social que envolvem o contexto da cidade. Além de ser um lugar que apesar de não ser caracterizado como um espaço expositivo convencional possui um ambiente peculiar que, sem dúvida, contribui para novas propostas criativas e de produção descentralizada. Pode ser entendido como um espaço de circulação do consumo no qual se coexiste ou se coabita sem viver junto. Não obstante, é um lugar circunscrito e específico na cidade.

Outro fator que contribui para a definição do espaço foi o fato da instalação ser montada paralela a uma grande abertura, ou “janela” que é toda quadriculada na qual a vista exterior, é feita pela passagem de luz entre os quadradinhos, o que forma uma imagem com textura

semelhante ao aspecto das imagens de monitores. E quando se afasta da janela a imagem pode ser vista com maior nitidez, o que possibilita confrontar a passagem da luz do local com a luminosidade utilizada pela instalação. Deve-se considerar, por fim, que algumas partes do lugar escolhido são predominantemente escuras, o que possibilita manipulações em projeção de luz natural mais dinâmicas.

O trabalho no local foi montado utilizando as repartições de um dos corredores, o qual está praticamente todo fora de funcionamento comercial. Essas repartições foram utilizadas de modo a criar um diálogo entre o local e as questões propostas, assim sendo, foi criado ambientes diferentes na utilização de mais de uma repartição para montagem da instalação. Cada repartição utilizada contará com uma série de objetos e iluminação específica. Por exemplo, em algumas delas nota-se a entrada de luz pela abertura ou “janela” do edifício, em uma destas repartições será montada a parte da instalação que necessita de maior quantidade de luz natural, conseqüentemente claridade que entra no local para iluminar e posicionar as peças. Em outras repartições não existe a entrada de luz, pois à frente da janela existem paredes que impedem a sua passagem, assim sendo completamente escuras serão montadas a parte da instalação onde foram projetados frestas de luz natural por meio de buracos feitos nas paredes, onde a luz passava e incidia sobre o tecido transparente com as fotografias impressas. Nestas repartições, as fotografias foram estendidas no escuro com o efeito da claridade natural sobre partes específicas das imagens, dessa forma, é possível notar a imagem imaterializada pelo efeito produzido pela luz.

Na repartição onde existe a entrada claridade em toda o espaço estarão dispostas peças em forma de camisas revestidas em *massa corrida pva*, na cor branca. Essas roupas-objetos, representam a materialidade da imagem corpórea sobre o espaço e ao mesmo tempo a perda de identidade do sujeito, pois existe um vazio nas peças, elas foram modeladas e ficaram rígidas na forma do corpo humano mas a sua parte interna não tem massa, é vazia. A cor branca escolhida para revestir as peças e o espaço em uma composição quase monocromática, a demonstrar a ausência e a ideia de ser anônimo.

É de interesse principal o confronto entre presença e ausência demonstrado pelo volume do corpo em um contexto espacial pela forma da roupa. São várias peças feitas em uma mesma forma modelável, colocadas sobre o espaço rígidas e ocas, elas remetem à não-identidade do sujeito, a sua perda pela ausência material do corpo. Ainda criam uma impregnação no espaço

por estarem sobre uma superfície que também será revestida em branco. Yves Klein ressalta a impregnação, iluminação e encarnação da matéria em sua dimensão extradimensional no momento em que é colocada para o acesso ao invisível. É uma operação que ele confere à matéria uma qualidade artística tendo uma noção central dentro da sua obra. Isso pode ser notado em seus trabalhos monocromáticos em azul, a impregnação fica ligada à cor em transformação com o espaço sensível. Assim, os objetos monocromáticos quando colocados no espaço, são impregnados de algo a mais que a sua matéria tangível, pois o espaço e o artista interveem com qualidades invisíveis que se revelam no seu entorno.

A ligação entre o espírito e a matéria é a energia. O mecanismo que combina esses três estados fornece ao nosso mundo tangível, julgado real mas efêmero. (...) É no momento que fará a iluminação extraordinária e extradimensional que teremos o contato direto entre o espírito e a matéria. (YVES KLEIN, 2003, p.196)

O uso da luz é também uma parte essencial na conceptualização da instalação, pois ela remete a carga virtual, imaterial a ser projetada sobre a roupa, objeto em massa sobre o espaço. Além da manipulação feita com luz natural do espaço, sobressalta a escuridão que exige que o espectador faça um esforço para enxergar as imagens no local. A manipulação da luz para o projeto foi sendo feita a partir de várias experiências durante o desenvolvimento do projeto, usando camadas de transparência tendo como principal material o plástico, por exemplo acrílico, papel adesivo e silicone. As composições nas experiências foram colocadas sobre um fundo branco no qual com incidência da luz solar pode-se ver a sombra ou imagem projetada no fundo, além dos efeitos da cor e da refração causados pela transparência.

A formação da imagem pela luz traz inúmeros questionamentos ao espectador. A aparição da imagem coloca em conflito o que é sensível aos olhos ou o que não passaria de uma ilusão, algo fantasmagórico. Deve-se considerar que os padrões de percepção usados para explicar esse fenômeno, na maioria das vezes, tende a seguir o pensamento pictórico ocidental, delimitando então uma oposição entre a imagem “verdadeira” e a imagem “fantasma”. Ou seja, concentra-se no conflito existente entre o positivo, a noção racional de imagem e a sua contraparte que levanta suspeitas de onde vem, que dá abertura ao lúdico, à fantasia.

Num contexto em que a relação sujeito e imagem se diverge muito da ordem atual, Hippolyte Baraduc, psiquiatra do século XIX, afirmava que os estados da alma podiam ser capturados

pela fotografia. Em suas pesquisas ele elaborava um modelo de catalogação de suas pacientes, no qual tais estados eram capturados e inscritos na chapa fotográfica durante os momentos em que as pacientes entravam em colapso, o que enunciava então a captura do invisível ou da desapareição ao revelar os espectros, um corpo de luz, um corpo fantasmagórico. Como sua intenção era principalmente entender as forças invisíveis, a partir de um momento ele começou a dispensar a luz do dia e a fazer experimentos no escuro, também deixou de lado a câmera fotográfica, utilizando placas sensíveis nas quais se fazia a transferência e a inscrição do invisível. Ele denominou esses movimentos que apareciam na placa de *psicones*.

Outro trabalho que também coloca em confronto os padrões de percepção da imagem, são as fotografias de André Kertész, fotógrafo húngaro que ficou altamente conhecido na década de 30 pelas distorções provocadas nas imagens, confrontando as dimensões entre realidade e alucinação, uma desintegração na percepção espacial. Em suas experiências ele usava superfícies como espelho, água e esferas de vidro para distorcer a imagem dos corpos a serem fotografados. Essa maneira de captura transcende os parâmetros puramente formais da realidade, pois o resultado é visto como um tipo de alucinação, no momento em que as bordas do espelho são recortadas e a fotografia ficava enquadrada somente com o efeito da distorção. Sob essa perspectiva, Kertész defende que as coisas e as pessoas não constituem uma realidade puramente bruta e objetiva, mas contam com sua ternura e interpretação. As suas primeiras séries de fotografias, além das distorcidas, também servem como referência no estudo entre corpo, espaço e imagem, as quais assumem um caráter documental, em que ele atribui atenção maior aos detalhes minuciosos e fragmentos como meios de comunicar com o entorno, um todo maior. Como por exemplo, quando as pessoas são fotografadas em lugares públicos, elas são geralmente passantes solitários destacados como indivíduos isolados em um lugar, estão absorvidas pelo gesto e não atentos com a presença de uma câmera.

Além das questões colocadas na própria formação da imagem como abordado nos exemplos anteriores, existem também questões que devem ser entendidas quando é fornecido ao corpo uma hibridização com a imagem, uma nova relação entre o gestual e o virtual que também pode ser imaginada. Na construção da instalação, isso tem impacto no modo em que o corpo e a identidade das pessoas fotografadas mudam conforme elas se interconectam com diferentes ambientes, ao ponto de haver uma experiência do espaço e do tempo causado pela sensação de presença física ou não. Em *Live-Taped Video Corridor*, 1969-1970, Bruce Nauman enfatiza o aspecto dessa presença no espaço ao configurar dois monitores sobrepostos no final

de um corredor de cinquenta centímetros de largura e quase dez metros de comprimento. O monitor inferior reproduz uma fita de vídeo do corredor enquanto o monitor superior mostra a gravação de um circuito fechado de uma câmera para a entrada do corredor. Assim, ao entrar e se aproximar dos monitores, o expectador entra rapidamente na área capturada pela câmera, e quanto mais perto do monitor, menor será sua imagem na tela. O que gera incômodo ao expectador não só pela escala, mas também pelo fato de que ele se vê por trás, que induz a um sentimento de alienação por se afastar de si mesmo.

Deve-se considerar, por conseguinte, que a experiência do corpo nos espaços públicos é problematizada pela perda de identidade do sujeito aos mecanismos de reprodução, sistemas políticos, propaganda e controle. Os sistemas atuais utilizados para captura de imagem em espaço público são, sem dúvida, excludentes para o sujeito, o qual não consegue criar uma identidade. É necessário, portanto, a atenção de que a imagem sempre carregou consigo valores ligados ao poder. No decorrer da história as elites dominantes sempre se esforçaram para aproveitar e subordinar a esfera visual a fim de uma eficiente auto-representação. Não obstante, hoje em dia os materiais anônimos são explorados de diversas formas em novas práticas criativas emergentes com o intuito de criticar tais formas de representação, de não mais criar imagens únicas, originais mas refletir a existência de objetos, imagens e espaços.

Conclusão

Os corpos invisíveis são identificados pelo indivíduo nas suas experiências físicas e virtuais com o espaço, não pelo que são mas pelo volume que ocupam. A roupa aparece como um suporte que confronta o estado do corpo de presença e ausência nesse contexto. A instalação busca explorar esse esvaziamento, essa falta, a desapropriação do corpo e a apropriação de espaços. Existe um confronto entre a fonte imaterial e física da imagem e suas implicações com seu entorno.

Se na realidade ter um corpo é ser visível, ter profundidade e identidade, se a presença em si impõe tal condição, por que nos mecanismos de reprodução de imagem do espaço os corpos são colocados como invisíveis? O espaço e a corporeidade estão intimamente ligados e a vulnerabilidade do corpo em lugares públicos nos coloca uma série de questões a respeito das controvérsias em relação a identidade, imagem, corpo e o espaço.

Essas questões foram colocadas por meio de experiências práticas, criativas e investigativas e continuarão a ser desdobradas por meio de intervenções futuras, apropriações de espaços, intervenções urbanas e manipulações virtuais em novos projetos que criam diálogos com as ferramentas abordadas.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, coleção ofício de arte e forma, 1994.
- FIGUEIREDO, Lucy. **Imagens polifônicas: corpo e fotografia**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.
- JAMESON, Frederic. **Espaço e Imagem: Teorias do pós-moderno e outros ensaios**. Organização e tradução: Ana Lúcia Gazolla. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- KAYE, Nick. **Site-specific Art: Performance, Place and Documentation**. London: Routledge, 2000.
- KLEIN, Yves. **Le Dépassement de la problématique de l'art et autres écrits**. Paris: École Nationale Supérieure des Beaux-arts, 2003.
- KWON, Miwon. **One place after another. Site-specific art and locational identity**. Massachusetts: The Mit Press, 2004.
- LE BRETON, David. **L'adieu au corps**. Paris: Editions Métailié, 1999.
- LURIE, Alison. **A Linguagem das Roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MEARLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.